

Mídia e Sociedade: diálogos intermitentes

A 12ª edição da revista científica Comunicação, Cultura e Sociedade (RCCS) tem como título de seu mais novo dossiê: “Mídia e Sociedade: diálogos intermitentes”. A ênfase é apresentar diferentes lugares da comunicação midiática e dos processos de mediações socioculturais (e também comunicacionais), tendo por contraponto questões que direto ou indiretamente tem sido caras para sociedade brasileira. Entre elas: meio ambiente, religião, saúde pública, imigração, democracia, diversidade étnica. Um dos objetos é tensionar debates vislumbrando horizontes de diálogos descontínuos, intermitentes, mas, ao mesmo tempo, reveladores dos caminhos a serem tomados por estudantes, professores, pesquisadores e todos praticantes de Comunicação, durante e no pós-pandemia de Covid-19. Ao todo, 10 textos participam do dossiê, além de 1 ensaio.

Intitulado “Jornalismo e Meio ambiente: o silenciamento e a resistência nas páginas dos jornais”, o texto que abre a edição tem por foco a análise de notícias de meio ambiente publicadas no Jornal da Cidade, de Recife. Trata-se de uma pesquisa desenvolvida pelas professoras Luciana Pereira da Silva e Isaltina Maria de Azevedo, da Universidade Federal de Pernambuco (UFPE).

Já no segundo texto a ênfase de análise é na cobertura do telejornal Nacional da Globo. Neste estudo, a pesquisadora Andréa Cristina Santos, da Universidade do Estado da Bahia (UNEB), aponta para a necessidade de uma percepção multifatorial dos problemas que afetam a relação entre mídia e sociedade. Tal perspectiva, além de imprescindível, corresponde a uma inevitável complexificação da experiência para com as mídias, tanto para os profissionais de imprensa, quanto para quem se coloca como espectador da sua tela mágica.

Também do estado da Bahia é o terceiro texto desta edição. Trata-se de uma pesquisa sobre a relação da verdade como valor jornalístico e a disseminação de fake News durante a pandemia de Covid-19. O artigo foi escrito pela pesquisadora Cláudia Regina Ferreira, da Universidade Federal da Bahia (UFBA). Um debate “atualizadíssimo”.

Usando o método de análise documental, o texto dos professores Rose Bezerra e Sérgio Santos, da Universidade de Brasília (UnB), propõe um mapeamento da produção e da veiculação de conteúdos religiosos na programação de emissoras de canal aberto em Brasília. Um dos méritos metodológicos do texto é a apresentação de categorias de análise para abordagens de conteúdos informativos. Entre as categorias: as igrejas, os programas, as produtoras e o número de horas de veiculação de conteúdos.

O texto O editorial de Piauí na capa da revista, da professora Cybeli Moraes, da Universidade do Vale do Rio dos Sinos (Unisinos), traz questões do jornalismo gráfico e do posicionamento editorial de uma das publicações mais

E**001**

conhecidas do jornalismo literário brasileiro. Um estudo imprescindível para o debate sobre o status do planejamento gráfico nos cursos de Jornalismo no Brasil.

A produção acadêmica e experimental em radiojornalismo também é temática abordada nesta edição. No texto intitulado *Do office à home: a experiência discente na produção do radiojornalismo no Escritório Modelo da Unifap na Covid-19*, o professor-pesquisador Paulo Vitor Giraldi nos dá uma dimensão do que tem sido desenvolvido nas aulas laboratoriais na Universidade Federal do Amapá (Unifap), região Norte do país.

Com temáticas mais voltadas para a relação entre Comunicação, Mídia e Cultura, três textos desta edição se destacam por apresentarem experiências bastante singulares. O primeiro deles, intitulado **A etnomídia indígena na construção dos territórios etnomidiáticos**, dos pesquisadores Vilso Santi e Bryan Araújo, da Universidade Federal de Roraima (UFRR). O texto apresenta-nos em quais termos os processos de midiaticização se fazem notar entre comunidades indígenas da Amazônia. O segundo deles, intitulado *Comunidades Eclesiais de Base (CEBs) e “Bem Viver”*, dos pesquisadores Gibran Lachowski da Universidade do Estado de Mato Grosso (Unemat), e Ana Paula Carnahiba da Universidade Federal de Mato Grosso (UFMT), é categórico em apontar que as CEBs são “um modo de ser Igreja”, assim com dialogo, cultura, utopia e comunicação. E, por fim, o texto do pesquisador de cidadania germano-brasileira, Mariano Hebenbrok aborda a relação do conservadorismo político e a aporofobia entre imigrantes venezuelanos e senegaleses no Brasil.

Para encerrar, temos na seção “Ensaio” um texto do professor Edson José Sant’Ana, do Instituto Federal de Mato Grosso (IFMT). A ênfase é nas imagens, mais especificamente, a partir da poesia do poeta e escritor cuiabano Odair de Moraes.

Tenham todas e todos uma boa leitura! E cuidem-se!

Lawrenberg Advíncula da Silva
Editor-Geral da RCCS

002